

**POMPEIA ENTRE A CENSURA E
O FASCÍNIO: A COLEÇÃO DO GABINETTO
SEGRETO DO MUSEU ARQUEOLÓGICO
NACIONAL DE NÁPOLES**

***POMPEII BETWEEN CENSORSHIP
AND FASCINATION: THE COLLECTION
OF THE GABINETTO SEGRETO AT THE
ARCHAEOLOGICAL MUSEUM OF NAPLES***

Gabriela Isbaes¹

RESUMO: Desde a antiguidade, a sexualidade, enquanto esfera da vida dos seres humanos, tem sido registrada, regulada e discutida de variadas formas. Dentre os inúmeros vestígios encontrados acerca dessa faceta de nossas existências, alguns dos que mais chamam a atenção provêm do sítio arqueológico de Pompeia, na Itália. A erupção do vulcão Vesúvio, que atingiu a cidade romana no ano 79 d.C., preservou soterrados diversos objetos da cultura material como afrescos, lucernas, estátuas, pingentes, relevos e mosaicos, os quais demonstram aspectos da sexualidade de seus habitantes. Escavados desde o século XVIII, tais artefatos têm sido analisados e alocados em uma sala especial do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, conhecida como *Gabinetto Segreto*. A história e a organização desse espaço passaram por diversas nuances, que envolvem restrições de público, fechamento e, hoje, a abertura total, processos regulados por ideários políticos e ditames morais. Nesse sentido, o artigo aborda a história do *Gabinetto* ao longo dos seus mais de 200 anos de existência, para em seguida discutir acerca do “*censorship myth*”, ou mito da censura relacionado ao espaço, ideia proposta por Kate Fischer e Rebecca Langlands (2011). Para tanto, são analisadas publicações realizadas em jor-

¹ Doutoranda em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6287-4884>. email: gaby.isbaes@gmail.com

nais do Rio de Janeiro do século XIX, nas quais averíguam-se as menções e recepções à sala secreta, e como elas corroboram na defesa de que houve mito da censura ao local por meio de relatos de visitantes, viajantes e conhecedores da coleção. Assim, enfatizam-se os múltiplos significados que os objetos pompeianos de – aparente – cunho sexual, adquiriram ao longo do tempo e, sobretudo, na contemporaneidade, com o avanço das pesquisas sobre a sexualidade romana.

Palavras-chave: Pompeia; *Gabinetto Segreto*; Museu Arqueológico Nacional de Nápoles.

ABSTRACT: Since antiquity, sexuality, as a sphere of human life, has been recorded, regulated, and discussed in various ways. Among the innumerable vestiges found regarding this aspect of our existence, some of the most notorious come from the archaeological site of Pompeii, in Italy. The eruption of Mount Vesuvius, which reaches the roman city in 79 AD, preserved buried objects of material culture such as frescoes, lamps, statues, pendants, reliefs, and mosaics, demonstrating aspects of the sexuality of its inhabitants. Excavated since the 18th century, these artifacts have been analyzed and housed in a special room at the National Archaeological Museum of Naples, known as the *Gabinetto Segreto*. The history and organization of this space are marked by various nuances, involving restrictions on the public, closure, and today, complete openness, processes regulated by political ideologies and moral dictates. In this sense, the article explores the history of the *Gabinetto* over its more than 200 years of existence, and then discusses the “censorship myth” related to the space, an idea proposed by Kate Fischer and Rebecca Langlands (2011). To do so, publications in 19th-century Rio de Janeiro newspapers are analyzed, investigating mentions and receptions of the secret room and how they contribute to the argument that there was a myth of censorship at the location through accounts of visitors, travelers, and connoisseurs of the collection. Thus, the multiple meanings that Pompeian objects of - apparent - sexual nature have acquired over time are emphasized, especially in contemporary times with the advancement of research on Roman sexuality.

Keywords: Pompeii; *Gabinetto Segreto*; Archaeological Museum of Naples.

INTRODUÇÃO

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e as coisas eram feitas sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. [...] Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos (Foucault, 2020, p. 7-8).

É com essas palavras que o filósofo Michel Foucault inicia uma de suas obras mais famosas, a “História da Sexualidade I: a vontade de saber”. Dentre as muitas pautas levantadas pelo filósofo em sua coletânea de quatro volumes sobre o tema, no primeiro livro encontramos indagações acerca da existência de um discurso que oprimia assuntos relacionados ao sexo durante boa parte dos séculos XVIII e XIX na Europa.

Assim, se ao que parece, a moralidade desse período restringia a sexualidade aos espaços privados e aos sussurros, como teriam reagido os pudicos europeus ao se defrontarem com um sítio arqueológico da Roma Antiga no qual foram encontrados diversos artefatos com representações consideradas obscenas? Esses materiais teriam sido destruídos ou omitidos dos olhares públicos em um ato de iconoclastia? Ou teriam surtido o efeito contrário e instigado a curiosidade daqueles ávidos por obter informações acerca de uma esfera tão reprimida de suas vidas? A história das escavações das ruínas da cidade de Pompeia, soterrada pelo vulcão Vesúvio no ano 79 d.C., pode oferecer algumas respostas a essas perguntas. Isso porque, desde o século XVIII, os arqueólogos que trabalham no local têm se deparado com pinturas, estátuas, lucernas, bem como com relevos, mosaicos, inscrições, entre outros objetos e registros cotidianos, que contêm representações da sexualidade romana.

Objeto de curiosidade, mas também de censura, esses materiais, desde então, têm sido alocados em uma sala reservada do Museu Arqueo-

lógico Nacional de Nápoles (MANN), na Itália, criado na segunda metade do século XVIII para manter sob sua salvaguarda grande parte dos itens retirados do sítio arqueológico de Pompeia. A sala a qual nos referimos ganha o nome de *Gabinetto Segreto* (GS), por manter em “segredo” os artefatos pompeianos com conotação sexual. Por seu conteúdo, o espaço, inaugurado no século XIX, possui uma história cheia de nuances, que envolvem interdições, evidenciações e opiniões variadas sobre os objetos nele expostos.

Na atualidade, as reflexões sobre a sexualidade engendradas por Foucault ainda nos servem como aparato teórico para pensar sobre as relações de poder que as regulam em diferentes sociedades. Contudo, complementam-se e questionam-se as suas considerações a partir das produções de muitos outros teóricos e teóricas que, desde então, têm se dedicado ao tema, em especial por meio do diálogo com as teorias feministas e de gênero. Essas, contribuíram para o alargamento da compreensão dos possíveis significados que as representações da sexualidade possuíam para os romanos, de modo que hoje sabe-se que, longe de apenas incitarem o erótico, como os europeus acreditaram no início, as peças pompeianas adquirem significados religiosos, apotropaicos, satíricos e até mesmo servem como registro de uma esfera comum da vida humana (Feitosa, 2005).

Nesse sentido, o texto realiza uma breve análise da história da construção do acervo do *Gabinetto Segreto*. A partir de pesquisas feitas por autores contemporâneos, as quais trazem documentos veiculados na Europa entre os séculos XVIII e XX, discutem-se as possíveis motivações que teriam levado à criação de uma sala separada para os itens que registram a sexualidade pompeiana. Isso se faz, sobretudo, por meio das ideias trazidas por David Freedberg (1989; 2021) acerca da iconoclastia, de modo a indagar se a alocação dos artefatos em um local restrito se encaixa em uma atitude iconoclasta, ou se houve, na verdade, a consolidação, ao longo do tempo, de um “*censorship myth*”, ou mito da censura. Essa última proposta, trabalhada por Kate Fischer e Rebecca Langlands (2011), inquire sobre as restrições de acesso ao *Gabinetto*, e nos leva a refletir acerca das possíveis nuances dessa censura desde a criação da coleção no século XIX. A fim de corroborar com a ideia das autoras, foram buscados materiais publicados em jornais do Rio de Janeiro oitocentista, como forma de demonstrar que o *Gabinetto* era conhecido e comentado até mesmo do outro lado do Atlântico, tendo então a noção de censura ao acervo colocada em questionamento. Ademais, por meio das análises

das notícias e escritos, discutem-se as formas como o acervo foi recepcionado pelos cariocas na época.

A HISTÓRIA DO GABINETTO SEGRETO

As primeiras escavações documentadas em Pompeia têm início em 1748, cerca de uma década após a descoberta da vizinha e também soterrada Herculano (Garraffoni, 2023). Nesse momento, e até meados do século XIX, os arqueólogos empregavam em suas buscas métodos muito distintos daqueles utilizados na atualidade, os quais privilegiavam a procura por objetos artísticos e davam pouca importância à precisão das catalogações (Berry, 2009; Kendrick, 1987). Ademais, interesses culturais e políticos vigentes durante as escavações, influenciavam as decisões sobre o que deveria ser preservado ou destruído entre os achados, e é nesse aspecto, sobretudo, que se insere a história do *Gabinetto Segreto*.

Desde quando iniciaram os trabalhos arqueológicos na região vesuviana, os profissionais envolvidos se depararam com uma grande quantidade de artefatos da cultura material que pareciam fazer alusão à vida sexual dos romanos antigos (Fisher & Langlands, 2011). A partir de então, tais materiais têm chamado a atenção de estudiosos e curiosos que, intrigados com a notícia de que Pompeia teria um passado supostamente libertino, se interessaram em visitar o acervo e aprofundar os conhecimentos sobre esse aspecto até então pouco abordado do cotidiano romano (Levin-Richardson, 2011).

Ainda que hoje compreendamos e discutamos os variados significados que esses objetos possuíam em meio à cultura antiga, durante quase todo o século XIX estes foram encarados pelos europeus como uma afronta. Isso porque, muitos países, sobretudo aqueles com intenções imperialistas, exaltavam a sua ligação ancestral com a antiguidade, em especial com o vasto e poderoso Império Romano (Bernal, 2005). Assim, não era de bom tom evidenciar uma faceta dessa cultura que mostrava a sexualidade, tão regulada e reservada entre os contemporâneos, de forma explícita (Kendrick, 1987). Nesse sentido, a facilidade de contato com esses artefatos parece nem sempre ter existido, de modo que é importante acompanhar a história da formulação do que hoje é o *Gabinetto Segreto*, para depois analisarmos as considerações sobre o “mito da censura” proposto por Kate Fischer e Rebecca Langlands (2011).

As primeiras exposições dos artefatos de cunho erótico da região vesuviana parecem ter acontecido ainda no século XVIII, quando entre 1750 e 1760 os materiais encontrados nas escavações eram levados a uma coleção particular do rei de Nápoles, em Portici, exibida apenas àqueles que viviam em proximidade com a realeza. A história do Museu Nacional de Nápoles, contudo, se inicia em 1773, quando o rei Fernando IV, da dinastia Bourbon, confisca um colégio Jesuíta e o transforma em Museu Real e Academia de Ciências e Letras. Nesse momento, por sugestão dos arquitetos envolvidos na reforma do local, foi criada uma sala onde seriam colocados os objetos pompeianos com referência de priapismo (De Caro, 2000). Segundo Evelyne Azevedo (2018), além das implicações morais, a separação da coleção ocorreu, pois, nesse período, era de interesse político que as exposições principais tivessem intenção propagandística, com ênfase nas produções artísticas, a fim de demonstrar a superioridade técnica europeia e a suas origens que remetiam à antiguidade. Destarte, por não servirem a tais propósitos, os materiais que remetessem à sexualidade deveriam ser preservados distantes dos olhares do público.

Stefano De Caro (2000) afirma que, de fato, essa sala reservada existiu, mas em 1794 foi desfeita e os objetos passaram a ficar misturados aos demais itens da coleção pompeiana até 1819, ano em que Francisco I, duque da Calábria e futuro rei de Nápoles, teria visitado o museu junto com sua esposa e uma de suas filhas adolescentes. Segundo a narrativa exposta por De Caro (2000, p. 12), o duque levou as mulheres de sua família como companhia, sem ter o conhecimento de que os artefatos de cunho sexual estavam expostos sem qualquer tipo de censura. Desconcertado com o que viu, Francisco escreveu uma carta ao diretor do local, Michele Arditi, a qual dizia: *“it would be as well to confine all the obscene objects, of whatever material, in one room, the only people allowed to visit this room being of mature age and proven morality”* (transcrição e tradução do excerto da carta para o inglês constam da obra referenciada). Desse caso, teria surgido o *“Gabinetti degli oggetti osceni”* do MANN, no qual os visitantes poderiam adentrar apenas se obtivessem licenças especiais emitidas pelos Ministério do Estado e pelo rei (Fisher & Langlands, 2011). Faz-se aqui um adendo, pois a liberação da visitação apenas para “homens de boa moral”, naquela época, deixa claro que se tratava de homens da elite. David Freedberg (1989) explica que, durante décadas, as classes mais baixas foram encaradas como suscetíveis a serem sedu-

zidas pelas imagens. Assim, os preconceitos do período refletiram na seleção dos possíveis visitantes do *Gabinetto*, uma vez que era possível acreditar que, se os indivíduos subalternos fossem ao local – e aqui incluem-se não apenas aqueles com baixo poderio financeiro, mas também as mulheres –, seriam facilmente cooptados à vida lasciva explicitada nos artefatos.

Anos depois, na década de 1860, durante o processo de unificação italiana, o arqueólogo napolitano Giuseppe Fiorelli é colocado no comando das escavações da região vesuviana e se torna diretor do MANN. Fiorelli é muito comentado na história do sítio arqueológico de Pompeia, pois foi pioneiro em diversas técnicas que levaram ao aprimoramento da ciência arqueológica (Garraffoni, 2023; Kendrick, 1987). É dele a iniciativa de dividir a cidade em regiões, quarteirões e portas, assim como o incentivo às publicações científicas e à catalogação dos objetos, que até então, em muitos casos, eram retirados de seus locais de achado sem os cuidados devidos, o que dificultava a identificação de seus significados dentro do contexto romano. Nesse momento, a coleção do *Gabinetto* passa a ser denominada *Collezione Pornografica*, e é reaberta para visitação, sem necessidade de autorização, mesmo que com algumas restrições para mulheres e clérigos (Berry, 2009; Sanfelice, 2016).

Na primeira metade do século XX, contudo, o fascismo entra em curso na Itália e novas direções são dadas à *Collezione Pornografica*. Mussolini, ao pregar um ultranacionalismo e a reconstrução de um império tal qual foi o romano, buscava a criação de uma identidade nacional baseada no passado antigo e, por isso, mais uma vez é vetada a visitação aos objetos que continham um aparente cunho sexual (Berry, 2009; Sanfelice, 2016). A reabertura do local ao público geral é feita apenas em 1976, mas este é logo fechado para reforma do espaço e restauração do acervo (De Caro, 2000).

A sala do *Gabinetto Segreto* foi finalmente liberada para visitação no ano 2000, com restrições para o público menor de idade e horário de visitas limitados, tendo que lidar com críticas do Vaticano, que considerava imorais os objetos nele expostos (Figura 1). Apesar de a moral cristã condenar tais demonstrações explícitas de uma esfera da vida que deveria ficar circunscrita aos espaços privados, a abertura do *Gabinetto* após tantos anos selado é uma vitória para a história da Roma Antiga, fruto de esforços empreendidos por pesquisadores que buscam os significados desses materiais na cultura romana e que ressaltam a sua importância para a compreensão do passado desse povo (Feitosa, 2005, p. 43).

Figura 1 – Placa de entrada da sala do Gabinetto Segreto do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles



Fonte: https://it.wikipedia.org/wiki/Gabinetto_Segreto#/media/File:MANNapoli_Secret_Cabinet_entrance_Italy.jpg.

Acesso em: 05 jan. 2024.

Após a apresentação de um breve panorama acerca da formulação da sala do *Gabinetto Segreto* no MANN, é possível compreender que a sua história é carregada de nuances, influenciadas pelo momento histórico e pelo cenário social, cultural e político nele vigente. Sendo assim, variadas também foram as formas de recepção daqueles que visitaram o local nesses mais de duzentos anos, de modo que, por meio das opiniões expostas por esses visitantes, podemos discutir se houve ou não uma tendência iconoclasta voltada aos objetos do GS.

De acordo com David Freedberg (2021), presencia-se hoje uma escalada dos eventos iconoclastas, sobretudo devido à proliferação de imagens em nossos cotidianos, em sua maioria trazidas pelos usos das mídias digitais. Dentre os tantos casos do século XXI que poderiam ser citados como exemplo, um dos mais significativos é o da destruição, pelo Estado Islâmico, de parte das ruínas e objetos relacionados às antigas civilizações que habitaram a Síria e o Iraque. A motivação para tal ataque estava no fato de que esses registros remetiam ao passado pagão da região, além de ressaltarem o culto às imagens (ou ídolos) que havia entre os seus antigos habitantes, algo que entrava em conflito com as ideias religiosas extremistas defendidas pelo Estado Islâmico (Freedberg, 2021).

Mas se tomarmos essas ações iconoclastas como parâmetro, as quais envolveram a destruição dos objetos com ferramentas e força bruta, seria então equivocado classificar a sala restrita com os artefatos pompeianos um exemplo de iconoclastia? Não. Isso porque, Freedberg (2021) afirma que, na maioria dos casos, as investidas dos iconoclastas envolvem pouca força muscular, sendo mais comum a alteração das imagens, o seu ocultamento, ou ainda o vandalismo sobre essas. Ademais, em outra obra (1989), o autor explicita que, nas ações iconoclastas, há sempre uma faceta psicológica intrínseca. Nesse sentido, as imagens são muito atacadas quando representam símbolos ou ideias de qualquer natureza (social, política, religiosa, entre outras) odiadas pelo período ou pelos indivíduos que cometem atos de iconoclastia. Nesse sentido, seria como se as representações com temática sexual encontradas em Pompeia não fossem apenas representações, mas sim, o ato em si, explícito, de modo que escondê-las fizesse com que esses comportamentos também ficassem ocultos.

De acordo com David Freedberg (1989, p. 410) “*Moralizing disapproval is thus joined to political motivation, but it is also coupled with fear of the senses. This is the basis for countless attacks on images, from the earliest times [...]*”. Portanto, no caso do iconoclasmo contra as peças pompeianas, podemos explicar a sua motivação tanto pelo medo do que essas representações poderiam evocar, mas também por dois outros fatores. O primeiro, relacionado a questões sociais, haja vista que a moral europeia da época sugeria restringir a exibição de cenas com conteúdo sexual tão explícito. O segundo, de origem política, uma vez que o passado romano foi utilizado por muitas nações imperialistas como exemplo de governo forte e conquistador. Sobreretudo franceses, ingleses e italianos, criaram a ideia de uma ancestralidade romana, a fim de justificar o seu “direito” imperialista sobre as demais partes do globo (Bernal, 2005; Fisher & Langlands, 2011). O problema, no entanto, se encontrava em reconhecer que essa mesma Roma dos grandes generais e políticos, que impulsionou a difusão do catolicismo, tinha uma faceta cultural relacionada à sexualidade, algo que ia na contramão da visão que se desejava passar. Segundo Bethany Mowry (2007, p. 1), em 1827, um padre, que não quis se identificar, visitou o *Gabinetto* e teria escrito uma carta ao rei de Nápoles que afirmava: “*is this the Catholic Reign that boasted of healthy morals? Is this the Roman Catholic shelter? Shame! Only to Naples would these infamous things belong!*” (transcrição e tradução do excerto para o inglês constam da obra referenciada). Assim, omitir os vestígios dessa parte considerada “ruim” da história da Roma antiga,

foi a forma encontrada pelos oitocentistas para não ter que dar explicações à sociedade sobre algo que eles mesmos talvez ainda não compreendessem.

Apesar de todas as indicações de uma atitude iconoclasta contra os objetos pompeianos do *Gabinetto Segreto*, Kate Fisher e Rebecca Langlands (2011), trabalham em seu artigo “*The censorship myth and the Secret Museum*” com a hipótese de que, na verdade, criou-se um “mito da censura” sobre o local. As autoras investigam os casos de censura ao acervo, por meio de comentários tecidos no contexto Era Vitoriana, momento no qual as interdições sobre os assuntos relacionados à sexualidade eram muitas.

Ainda assim, Fisher e Langlands afirmam que, mesmo que tenha havido um certo choque com relação ao conteúdo dos artefatos, e que eles tenham sido separados em uma sala exclusiva – o que por si só caracteriza uma atitude iconoclasta –, a restrição de acesso aos materiais não foi tão impositiva como pode ter parecido. Um exemplo disso foi constatado por ambas após analisarem escritos daqueles que visitaram o local no século XVIII, quando o Museu de Nápoles ainda não existia e os artefatos compunham a coleção particular do rei, em Portici. Por meio de sua pesquisa, as autoras atestaram que os objetos se encontravam dispostos junto a todos os demais itens, disponíveis aos olhares do público, sem classificação ou ocultamento (Fisher & Langlands, 2011). Ademais, no século XIX, foi publicado por César Famin (1836) um livro ilustrado todo dedicado ao acervo erótico de Pompeia, intitulado “*Musée Royale de Naples. Peintures, bronzes et statues érotiques dus Cabinet Secret*”. De acordo com Pérola Sanfelice (2016), a obra causou tanto alvoroço que teve sua primeira edição esgotada. Amparando o argumento, Walter Kendrick (1987) expôs diversas ocasiões nas quais o acervo do *Gabinetto* foi mencionado entre acadêmicos, guias de viagem, matérias de jornais, entre outros materiais. Nesse sentido, se entende que a ideia de repressão total do acervo do GS foi mais uma construção cultural do que exemplificação da realidade.

O GABINETTO SEGRETO E O “CENSORSHIP MITH” NOS JORNAIS DO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX

Para Charles Martindale (2006), compreender o modo como a anti-guidade foi recepcionada em diferentes momentos, é chave importante para ampliar as reflexões acerca das disputas e relações de poder que permeiam a construção da disciplina histórica e dos discursos por ela propagados ao

longo do tempo. Pensando nisso, e levados pelas considerações de Fisher e Langlands acerca do “mito da censura”, assim como por alguns estudos desenvolvidos no Brasil sobre as menções a Pompeia em jornais do Rio de Janeiro do século XIX (ver Garraffoni, 2023; Azevedo, 2018; Almeida, 2017), passamos a nos indagar o modo como o *Gabinetto* poderia ter sido abordado nas notícias aqui publicadas. Ressalta-se, nesse sentido, o capítulo de Renata Senna Garraffoni (2023), intitulado “*Excavating the past and framing new identities in the nineteenth century: Vesuvius, Pompeii and Modernity in Rio de Janeiro*”. A pesquisa de Garraffoni (2023), centra-se na figura da imperatriz Teresa Cristina, esposa de D. Pedro II e filha do então rei de Nápoles, Francisco I – anteriormente citado como duque da Calábria. A autora ressalta a importância da figura da imperatriz para aguçar a curiosidade do público brasileiro sobre Pompeia e a região vesuviana, tendo em vista a sua descendência, bem como o seu interesse pela ciência arqueológica. Ao todo, Teresa Cristina construiu um acervo de 771 peças, oriundas de escavações por ela financiadas, e que continha, sobretudo, objetos cotidianos, dentre eles alguns provenientes de Pompeia e com representações fálicas, exibidos no Museu Nacional do Rio de Janeiro (Azevedo, 2018; Garraffoni, 2023).

Além da figura da imperatriz, Anita Almeida (2017) atesta que a elite letrada carioca auxiliava no impulsionamento das notícias sobre a região vesuviana, pois seus membros visualizavam um certo cosmopolitismo nesse tipo de conhecimento e na demonstração de interesse por viagens e pela cultura antiga. Aliado a isso, Walter Kendrick (1987, p. 4) afirma que também no século XIX:

the gradual unveiling of the Vesuvian cities made a profound impression on the imagination of Western culture. It was de rigueur, of course, for tourists to visit the Museum and take a day trip to the excavations. Meanwhile, those unfortunates who had to stay at home could find in a thickening swarm of guidebooks and catalogues, often with lavish illustrations, a convenient substitute for firsthand experience.

Em consonância com o argumento do autor, Garraffoni (2023) explica que as imagens e reportagens sobre as experiências de viagens ao sítio arqueológico pompeiano foram amplamente difundidas nos jornais brasileiros, tendo sido por ela mapeadas mais de 500 referências a Pompeia, a Herculano e ao Vesúvio entre os anos de 1850 e 1950. Somados esses fatores, junto à pre-

tensa exacerbação da moralidade que parece se desenvolvido no século XIX, optamos por escolher esse período como foco de análise. Ademais, em meio às pesquisas de Renata Garraffoni (2023), um relato de viagem de V. Benalcanfór, foi o que nos chamou a atenção para o fato de que a existência do *Gabinetto* era divulgada no Brasil. Publicado em 1876, no volume 98 do Jornal Diário do Rio de Janeiro, o texto narra a visita de Benalcanfór ao Museu de Nápoles e, dentre as suas inúmeras coleções descritas, menciona o conteúdo do GS:

No gabinete secreto, onde não entram senhoras, e onde sob o governo dos Bourbons nenhum estrangeiro podia entrar sem alcançar licença por intervenção do embaixador da nação a que pertencia, vêem-se as pinturas meio- apagadas de um lapanar da Pompeia, o grupo, em mármore, de um satyro e de uma cabra encontrados em Herculanium, *phallus* monstruosos, restos das religiões pagas, collares de ouro, de um lavor e desenho admirável, compostos de *phallus* suspensos por cadeados também de ouro, estatuetas de sacerdotes em atitudes singulares a provarem que os olhos dos romanos não eram o seu órgão mais pudico e susceptível. (*Jornal Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ed. 98, p. 2, 12 abr. 1876).

Vê-se aqui uma descrição dos artefatos mais conhecidos do *Gabinetto*, como a estátua de Pã com a Cabra e os itens com representações fálicas. No momento da publicação, o sítio encontrava-se sob a influência da gestão de Giuseppe Fiorelli e, portanto, a sala secreta estava aberta à visitação. Ainda assim, o autor do texto ressalta a restrição de público praticada durante a dinastia Bourbon, que exigia licenças especiais para a entrada, bem como opina sobre os olhares pouco pudicos que os romanos pareciam ter, uma vez que consumiam esse tipo de conteúdo em seus cotidianos.

Após a descoberta da menção ao GS por V. Benalcanfór, foram buscadas na Hemeroteca Digital Brasileira outras citações à sala do MANN que pudessem ter ocorrido mais ou menos no mesmo período no Rio de Janeiro. Na pesquisa, foram utilizados os seguintes descritores: “gabinete secreto”, “*gabinetto segreto*”, “sala secreta”, “Museu de Nápoles/Napoli” e “museu secreto”. Constatou-se, assim como já atestado por Renata Garraffoni (2023) que as referências ao Museu de Nápoles, a Nápoles e a Pompeia, são abundantes ao longo do século XIX, mas escolhemos 5 delas sobre o *Gabinetto* para serem aqui expostas.

Outra das menções à sala secreta e às suas peças foi realizada na seção “Noticiário” do Jornal Diário do Brazil, publicada em 23 de setembro

de 1882. Na segunda página do referido periódico, cita-se o fato de que a vida e os trabalhos de um arqueólogo de nome Hirschmann, teriam sido contados por um jornal na Alemanha. Entretanto, o interessante é que a notícia dá ênfase em uma descoberta realizada pela filha de Hirschmann, Agatha, a qual teria buscado compreender o significado da palavra latina *spintriae* entre os romanos:

Uma gazeta allemanhã dá os seguintes e edificantes pormenores sobre a vida íntima de um celebre archeologo allemão, o professor Hirschmann. A sua familia associa-se aos seus trabalhos, ajuda-o poderosamente. Foi sua segunda filha, Agatha, que conseguiu resolver um dos problemas mais árduos da paleontologia histórica e moral. Ha muito tempo que se procurava a significação exacta da palavra *spintriae*, muitas vezes empregada por Tácito e Suetonio. A traducção que se lhe dava era «devassidões monstruosas» mas não se sabia o que os romanos da decadência chamariam monstruoso em materia de devassidão. Levada pelo seu entusiasmo archeologico, a menina Agatha Hischmann, penetrando o sentido de certas inscrições encontradas em uma caverna em Pompéa, e estabelecendo, como que por adivinhação, a co-relação entre muitas urnas pintadas e alguns grupos em bronze do museu secreto de Nápoles, conseguiu fornecer explicações precisas, tópicos indiscutíveis, sobre os *spintriae* ou as «devassidões monstruosas» (Jornal Diário do Brasil, Rio de Janeiro, ed. 216, p. 2, 23 set. 1882).

Fica claro na notícia que Agatha buscava entender qual a percepção que os romanos possuíam sobre o que era considerado devassidão. Segundo o autor da matéria, suas respostas teriam sido encontradas após visitar os acervos de Pompeia e do MANN, que contêm representações que aludem à sexualidade. Chama a atenção, porém, não apenas a menção ao *Gabinetto*, mas também o fato de que uma mulher esteve presente no local e realizou consultas ao acervo, as quais renderam análises e publicações sobre o tema, cujos resultados atingiram outro continente. Mesmo que estejamos falando do caso de uma pesquisadora, dentro dos padrões morais que teriam sido imaginados para as mulheres europeias, e até mesmo pelo fato acima mencionado de que havia restrições à presença delas no GS nesse período, seria estranho conceber o envolvimento feminino em um estudo tão “devasso”. Ainda, por mais que o texto se refira aos romanos como “romanos da decadência”, visão por muito difundida, sobretudo por meio do uso dos artefatos pompeianos, vale creditar a iniciativa de Agatha de buscar a compreensão do significado das palavras por meio da análise da materialidade em seu contexto de origem.

Importante ressaltar que o termo *spintriae*, hoje, pode ser utilizado para se referir a moedas cunhadas durante o Império, entre os séculos I e II d.C., as quais trazem representações de atos sexuais. Distribuídas entre os oficiais romanos, elas continham em seu anverso a representação do ato sexual entre casais heterossexuais, e no reverso um numeral romano. Ainda não está claro, porém, qual era o uso ou finalidade desse tipo de amoeção, mas as hipóteses sugeridas por Claudio Carlan, Flávia Marquetti e Pedro Paulo Funari (2015) sugerem que serviam como fichas em prostíbulos, ou ainda, como representações das relações de poder entre territórios conquistados (mulheres) e a força de Roma (homem), tendo em vista seu uso pelo exército.

Outra matéria, encontrada na edição de 29 de dezembro 1886 do Jornal Gazeta de Notícias, inicia com o fato de que um chamado Sr. Dr. Valentim Magalhães, pedagogo, teria tecido críticas aos cortes feitos na edição da obra “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes, publicada no Brasil pela Casa Laemmert & C. Segundo consta, o texto foi escrito por um procurador, a mando do prefaciador da edição e em resposta ao Sr. Valentim, a fim de alegar que as censuras foram necessárias, pois a obra original teria sido vetada às mulheres e crianças devido ao teor lascivo de algumas passagens. Nesse sentido, o redator da matéria sugere, em tom irônico, que o Sr. Valentim, ao se mostrar defensor da originalidade dos textos:

Faça d'esta pedagogia o Sr. Dr. Valentim; mande ornar as paredes da Escola Normal com as pinturas muraes de Pompeia, peça á policia que substitua a cortina vermelha, com que aniquilou certas casas, pelo *phalus*, que n'essa cidade indicava as moradas das Phrynéas; mande para o Museu Pedagógico photographias baratas dos vasos; das medalhas, das jóias, e até dos sarcophagos que figuram na sala reservada do Museu do Nápoles, e alhures; conte ás suas discipulas os amores de Heloisa e Abellard, e sua respectiva cirurgia; leia-lhes a Mandragora, de Machiavel; e dê-lhes a lição vestido como os rapazes gregos iam para os gymnasios [...] (*Jornal Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ed. 363, p. 2, 29 dez. 1886).

Ou seja, o autor enfatiza que, se Valentim é apoiador do texto original, carregado de passagens que não seriam adequadas à mente das mulheres, que seja corajoso e pratique então todos esses atos escandalosos em suas aulas. Por mais moralista que a resposta do prefaciador pareça, e que este sustente a necessidade de censura de partes dos textos, ainda assim é impor-

tante ressaltar que ele sugere os cortes como uma estratégia para que obras circulassem entre um público mais abrangente:

[...] vamos agora, por um escrúpulo piégas, privar uma quantidade de leitores do grande numero de bellezas que há esparsas pelas obras dos mestres, só porque nós arranjámos uma civilisação que nos torna susceptíveis de corar a cada momento...

A gente forte, a gente ilustrada como o Sr. Dr. Valentim, leia ás obras nos originaes [...]. Mas deixe que a mocidade e as senhoras conheçam D. Quichote, o Sancho Pança, a Dulcinéa, e possam dizer que os conhecem. Consinta n'isso, e não nos obrigue a mandar queimar nas aras de seus escrúpulos não só a edição Laemmert do *D. Quichote*, mas muitas outras edições da mesma obra, e de muitas outras obras dos mestres, feitas em todas as línguas, em todos os tempos. (*Jornal Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ed. 363, p. 2, 29 dez. 1886).

Mais uma vez, agora em 1892, o acervo do *Gabinetto Segreto* é citado para que se façam referências a comportamentos lascivos. Neste caso, a edição 3782 do *Jornal O Paiz*, publica uma nota sobre a prisão de um homem de nome Sr. Coelho. No pequeno texto, comemora-se o seu encarceramento, pois o sujeito era uma afronta à moral pública, uma vez que utilizava adereços que pareciam ter sido retirados do acervo do GS. Ou seja, era provável que os adornos do homem remetessem a atos e símbolos sexuais.

Felizmente esta noticia conclue-se com mais uma informação agradável. O major Martiniano, o esforçado e valente militar, que tantos serviços já ha prestado á ordem publica nesta capital, prendeu á noite o Sr. Coelho. Conduzido á secretaria da policia, um exame summario a que se procede demonstrou que o cidadão Coelho chega a ser um attentado á moral publica. Palavra!

O homem possui uns berloques de cadeia de relógio, uns appensos a este e diversas outras jóias, que parecem roubados ao museu secreto de Pompeia!...

E por estes motivos, parece que a autoridade ver-se-ha na contingência de tomar severa providencia. (*Jornal O Paiz*, Rio de Janeiro, ed. 3782, p. 1, 08 set. 1892).

Também é do *Jornal O Paiz*, publicado em 21 de fevereiro de 1896, uma extensa matéria de primeira página que versa sobre o sítio arqueológico de Pompeia. Escrito com teor literário por Gustavo Penna, que visitou o local, e intitulada de “A cidade morta”, o texto narra em seu início as maravilhas que a cidade teria apresentado na antiguidade, com seus templos, pinturas,

domus refinadas, lojas e comércio marítimo, assim como o desastre causado pelo Vesúvio. Em seguida, Penna passa a caracterizar o sítio arqueológico no estado em que se encontrava no final do século XIX e a descrever alguns dos achados. Em um ponto da matéria, o autor cita:

O Museu de Nápoles contém infinitas collecções, curiosas sob todos os pontos de vista: o pão negro que se achou no forno das padarias, a garrafa com azeite ainda liquido, diversos cereaes, boteinhas de seda para moedas, grande copia de objectos caseiros, letreiros convidando o povo a votar em candidatos a empregos municipais o até uma famosa secção pornografica, cujo ingresso é vedado as mulheres, as crianças e aos padres; e com razão... [...]. (*Jornal O Paiz*, Rio de Janeiro, ed. 4159, p. 1, 21 fev. 1896).

Aqui, a menção ao *Gabinetto Segreto* é feita em meio à citação dos itens presentes no acervo do Museu de Nápoles. Contudo, o autor não se exime de deixar a sua opinião sobre o acervo, e de afirmar que a restrição de público era necessária e existia naquele momento. Essa última informação, porém, apesar de verdadeira, contrasta com o relatado nas notícias supracitadas. Isso porque, mesmo que Penna tenha constatado o controle de acesso às mulheres, Agatha Hirschmann adentrou no local quase quinze anos antes, momento no qual o GS parece ter passado pelo mesmo regime de censura.

Após a análise das notícias, fica perceptível que o acervo do *Gabinetto Segreto* do MANN era conhecido até mesmo pela população de fora da Europa. Seja por meio de pessoas que visitaram o local, como é o caso de Penna e V. Benalcanfôr, ou pelos escritos daqueles que detinham algum conhecimento sobre os materiais pompeianos, visualizamos menções ao *Gabinetto*, as quais também passavam a informar os leitores sobre a sua existência. Desse modo, corrobora-se com a afirmação de que houve, de fato, um mito da censura sobre a coleção, a qual, apesar de restrita, era conhecida e comentada por uma significativa quantidade de pessoas. Cabe ressaltar, porém, que esse público parece ter sido, em sua maioria, composto por indivíduos abastados, tendo em vista o maior nível de alfabetização dessa camada social no período estudado, bem como o acesso mais facilitado a publicações e a viagens proporcionados por sua condição financeira.

Apesar do conhecimento do acervo, os autores de grande parte das matérias encontradas não deixam de tecer comentários com teor moralizante acerca dos conteúdos nele existentes, relacionando-os a um passado pouco

publico dos romanos, que deveria, decerto, ser limitado a certos públicos. Ademais, os sentidos atribuídos a essas representações, que hoje sabe-se que vão além da esfera sexual, não são abordados nesses escritos, muito provavelmente pela falta de pesquisas ou de divulgação desse tipo de informação entre o público não especializado.

Segundo Lourdes Feitosa (2005), nosso olhar deve estar sempre voltado aos diferentes significados que um mesmo conceito adquire em distintas temporalidades, espaços, grupos sociais e valores culturais. Destarte, as interpretações acerca do que pode ser considerado pornográfico ou obsceno são muito diversas ao longo do tempo. Todavia, o que alguns dos primeiros pesquisadores que lidaram com os artefatos pompeianos fizeram, foi projetar as suas concepções atuais sobre o tema naquilo que encontraram sobre os romanos. Walter Kendrick (1987), explica que, no século XX, desenvolvemos uma tendência em acreditar que tudo o que remetesse ao sexual seria considerado pornográfico, ou seja, que o conceito de pornografia sempre existiu e que as pessoas do passado lidavam com ele do mesmo modo como lidamos hoje. Entretanto, segundo o autor, a palavra “pornografia”, com a acepção a qual atribuímos a ela hoje, surge apenas no século XIX, sendo antes disso, muito variáveis as conotações atribuídas àquilo que remetesse à sexualidade. Afinal, certos materiais de Pompeia com representações consideradas obscenas pelos contemporâneos, estavam dispostos na cidade em espaços de uso comum, como salas, quartos, átrios, ruas, entre outros e contracenavam com todos os demais aspectos da paisagem urbana. Ou seja, os seus significados vão muito além de apenas incitar o desejo sexual no observador – a não ser em casos como o do lupanar de Pompeia, estabelecimento com função voltada à prática sexual.

Pode-se afirmar, porém, que as pesquisas desenvolvidas ao longo das décadas de escavações, bem como a abertura dada pela sociedade desde meados do século XX para tratar de temas relacionados à sexualidade, faz com que os objetos do *Gabinetto Segreto* sejam interpretados com novos olhares. Por exemplo, no cenário social anterior, a tendência que se seguia, ao menos entre o público não acadêmico, era a de relacionar as representações fálicas encontradas em Pompeia como indicadoras de pontos de prostituição na cidade. Mesmo que em certos casos essa afirmação estivesse correta, ela deixava de lado as inúmeras funções e significações que o falo poderia possuir entre os romanos. Lourdes Feitosa (2005), ao dialogar com as epistemologias de gênero e com os estudos mais atuais acerca da sexualidade romana, defen-

de a interpretação de que o *phallus* era utilizado como símbolo de fertilidade e de proteção contra o mau olhado. Sendo assim, era colocado em objetos e locais que propiciassem a sua visualização, de modo a garantir proteção e prosperidade ao indivíduo, à família ou à residência. Um dos exemplos, que faz parte do acervo do *Gabinetto*, é o relevo da casa e padaria de Pansa (Figura 2), que além de contar com uma representação fálica, traz a inscrição “*hic habitat felicitas*”, indicativo do significado que esses objetos possuíam na cultura romana. Destarte, percebe-se que a sexualidade era encarada como algo natural e corriqueiro entre os romanos, uma faceta da vida que poderia ser exibida assim como as demais, ao contrário do que era visualizado na sociedade do século XIX, a qual almejava reprimir assuntos desse viés (De Caro, 2000).

Figura 2 – Relevo pompeiano com representação de um *phallus*



Fonte: Sítio Arqueológico de Pompeia, Casa de Pansa. Acervo do *Gabinetto Segreto* do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles. Número de inventário: 27741. Disponível em: <https://mann-napoli.it/en/gabinetto-segreto-2/#gallery-16>. Acesso em: 06 jun. 2023.

Por fim, entende-se que, como é comum na história, as recepções acerca de um mesmo assunto mudam ao longo do tempo e novos discursos são elaborados. Então, se antes as concepções da sociedade europeia acerca dos artefatos eróticos do *Gabinetto Segreto* consideravam o acervo ofensivo, a ponto de requisitar o seu banimento, hoje a narrativa iconoclasta é substituí-

da e esses materiais são encarados com maior naturalidade. Ainda assim, até mesmo Fisher e Langlands, que propõem o “*censorship myth*”, afirmam que não o superamos por completo, e que o sensacionalismo do discurso midiático acerca do GS ainda é forte. Um desses exemplos é o documentário “*Sex in the Ancient World: Pompeii*”, produzido e exibido pelo canal norte-americano History Channel. A produção de 2009 tem duração de cerca de 45 minutos e, por meio de falas de especialistas e demonstrações intencionais de alguns ambientes e artefatos do sítio arqueológico de Pompeia, constrói a narrativa de que a vida na cidade vesuviana era envolta em sexo promiscuidade (Feitosa & Vóros, 2019). Ou seja, aqui há um uso direcionado dos artefatos pompeianos, o qual enfatiza a ideia de que o Império Romano no geral, e Pompeia em específico, eram marcados por sexo, vício e corrupção, o que teria levado ao declínio do domínio romano (Feitosa, 2005; Eko, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descoberta, no século XVIII, das ruínas da cidade romana de Pompeia, propiciou ao mundo uma nova visão acerca da Roma Antiga, por muito encarada como o palco de grandes batalhas políticas e militares. Por meio do sítio arqueológico pompeiano, ganhamos a oportunidade de nos aproximar da cultura e do cotidiano dos indivíduos que viveram na região. Apesar disso, alguns dos achados do local não receberam um acolhimento tão positivo, haja vista que remetiam a representações da sexualidade dos romanos, algo considerado ofensivo para a moral da sociedade europeia dos séculos XVIII e XIX, a qual lidava diretamente com esses materiais. Essa repressão da sexualidade levou à censura dos artefatos pompeianos, que passaram a ser dispostos em uma sala separada do Museu de Nápoles, o *Gabinetto Segreto*. Entre os mais de duzentos anos de história do local, observam-se diversas reações ao seu acervo, que corroboraram para períodos de maior ou menor censura.

Mesmo que hoje tenhamos avançado nos estudos acerca dos significados que os materiais eróticos possuíam no cenário romano, e que esse tema não seja mais considerado um grande tabu em várias sociedades, corroborando para a abertura do *Gabinetto Segreto*, o mito da censura persiste. O próprio MANN contribui para essa visão, ao manter, na entrada do GS, as grades que um dia o enclausuraram, a fim de lembrar os visitantes de que aquele local é “proibido” (Figura 1). Isso porque, é essa aura de mistério que

garante a curiosidade dos espectadores, pois, mais do que uma mera coleção de arte erótica antiga, foi uma coleção censurada, o que incita o fascínio popular acerca do seu conteúdo.

Ainda assim, por meio da análise de citações ao acervo do GS em jornais do Rio de Janeiro do século XIX, constata-se que a censura ao espaço não era tão impositiva como alguns discursos pareciam supor. São claros os relatos de visitantes do local, que descrevem os objetos dispostos em seu interior ao público brasileiro, de modo a oportunizar o conhecimento do acervo. Até mesmo mulheres acessaram a sala secreta, em um período no qual existem relatos de que a sua entrada parecia ser vetada.

Dessa maneira, pretendeu-se reforçar a ideia de que a censura aos objetos do *Gabinetto Segreto* não foi tão efetiva quanto a história parecia contar, e de demonstrar que, por mais que nos séculos anteriores esses artefatos fossem recepcionados como exemplo da moral desviante dos romanos, hoje as interpretações sobre eles são muito mais plurais. Esse avanço se dá, sobretudo, a partir da valorização do emprego da cultura material nas pesquisas, uma vez as conclusões tiradas a partir da sua análise, permitem construir visões que contrastam com as fontes literárias antigas escritas por homens da elite, as quais, em muitos casos, propagavam noções carregadas de valores moralizantes e idealizados, que nem sempre condiziam com a realidade população romana. Ademais, a partir disso, constrói-se uma imagem de Pompeia muito mais plural, que evoca os cotidianos, a cultura, os costumes, enfim, todos os aspectos das vivências de seus habitantes, de modo a contestar a visão por muito propagada de que a cidade era um espaço envolto em sexo e promiscuidade.

FONTES

Diário do Brasil. (1882, 23 set.). *Diário do Brasil* [Jornal], 216. https://memoria.bn.br/pdf/225029/per225029_1882_00216.pdf

Diário do Rio de Janeiro. (1876, 12 abr.). *Diário do Rio de Janeiro* [Jornal], 98. http://memoria.bn.br/pdf/094170/per094170_1876_00098.pdf

Gazeta de Notícias (1886, 29 dez.). *Gazeta de Notícias* [Jornal], 363. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1886_00363.pdf.

O Paiz. (1892, 8 set.). *O Paiz* [Jornal], 3782. http://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1892_03782.pdf

O Paiz. (1896, 21 fev.). *O Paiz* [Jornal], 4159. http://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1896_04159.pdf

REFERÊNCIAS

Almeida, A. C. L. (2017). Pavoroso espetáculo: o culto ao Vesúvio no Rio de Janeiro Oitocentista. *Topoi*, 18(36), 490-513. <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X01803603>

Azevedo, E. (2018). A coleção Teresa Cristina: idealização e falência de um projeto cultural para o Brasil. *Concinnitas*, 19(34), 116-125. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/39890>

Bernal, M. (2005). A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia. In P. P. A. Funari (Org.), *Repensando o mundo antigo* (2a ed, pp. 13-31). IFCH/Unicamp.

Berry, J. (2009). *Pompeya*. (David Govantes, Trad.). Akal.

Carlan, C. U., Marquetti, F. R., & Funari, P. P. A. (2015). Muito além do prazer. As moedas romanas e as posições sexuais: relações de poder. *Revista de Estudos Históricos e Filosóficos da Antiguidade*, 29, 115-146. <https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/127-10-pb.pdf>

De Caro, S. (Ed.). (2000). *The Secret Cabinet in the National Archeological Museum of Naples*. (Mark Weir, Trad.). Soprintendenza Archeologica di Napoli e Caserta.

Eko, L. (2016). Explicit visual sexual imagery as regulated representations during the Roman Empire, the Renaissance, and the Enlightenment. In L. Eko, *The regulation of sex-themed visual imagery: From clay tablets to tablet computers* (pp. 105-129). Palgrave Macmillan.

Famin, M. C. (1836). *Musée Royal de Naples, peintures, bronzes et statues érotiques du Cabinet Secret*. Abel Ledoux.

Feitosa, L. C., & Vóros, V. R. (2019). Sex in the Ancient World: Pompeii – lo “erótico” romano en las pantallas de televisión. In R. S. Garraffoni & M. G. Sánchez (Eds.), *Mujeres, género y estudios clásicos: Un diálogo entre España y Brasil* (pp. 313-320). Edicions de la Universitat de Barcelona.

Feitosa, L. C. (2005). *Amor e sexualidade: O masculino e o feminino em grafites de Pompéia*. Annablume/FAPESP.

Fisher, K., & Langlands, R. (2011). The censorship myth and the Secret Museum. In S. Hales & J. Paul (Eds.), *Pompeii in the public imagination: From its rediscovery to today* (pp. 301-315). Oxford University Press.

Foucault, M. (2020). *História da Sexualidade: 1. A vontade de saber* (10a ed, Maria Thereza Albuquerque & J. A. Guilhon Albuquerque, Trads.). Paz e Terra.

Freedberg, D. (1989). *The power of images: Studies in the history and theory of response*. University of Chicago Press.

Freedberg, D. (2021). *Iconoclasm*. University of Chicago Press.

Garraffoni, R. S. (2023). Excavating the past and framing new identities in the nineteenth century: Vesuvius, Pompeii and Modernity in Rio de Janeiro. In M. R. Recio (Ed.), *Pompeii in the visual and performing arts: Its reception in Spain and Latin America* (pp. 153-169). Bloomsbury Academic.

Kendrick, W. (1987). *The Secret Museum: Pornography in modern culture*. Viking.

Levin-Richardson, S. (2011). Modern tourists, ancient sexualities: Looking at looking in Pompeii's brothel and the Secret Cabinet. In S. Hales & J. Paul (Eds.), *Pompeii in the public imagination: From its rediscovery to today* (pp. 316-330). Oxford University Press.

Martindale, C. (2006). Introduction: Thinking through reception. In C. Martindale & R. F. Thomas (Eds.), *Classics and the uses of reception* (pp. 1-13). Blackwell Publishing.

Mowry, B. R. (2007). *Goats, goddesses and genitalia: The Secret Cabinet of Naples as seen by the Grand Tourist*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Washburn University]. Washburn University Institutional Repository. <https://wuir.washburn.edu/server/api/core/bitstreams/e197357e-b311-4b-68-a14b-28b8263ae06c/content>

Sanfelice, P. P. (2016). *Sob as cinzas do vulcão: Representações da religiosidade e da sexualidade na cultura material de Pompéia durante o Império Romano*. [Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná]. Acervo Digital da UFPR. <https://hdl.handle.net/1884/44473>